



DESTAQUE

SALAS DE CHUTO

Toxicodependentes: “Aqui tratam-nos cem graus abaixo de cão”

Eles consomem drogas a céu aberto no Porto, uma realidade que se agravou também em Lisboa. O presidente do SICAD assume que as salas de salas de chuto são precisas. Autarquias atiram a bola para as organizações no terreno

Reportagem
Natália Faria

Deixar passar mais um dia pode significar mais 20 hepatites C. Não consigo perceber como é que um decisor político pode deixar passar mais um dia sem avançar com a criação das salas de consumo. Vamos todos pagar muito mais”, enerva-se Rui Coimbra, membro da associação CASO (Consumidores Associados Sobrevivem Organizados). Está sentada numa esplanada, no centro do Porto, ao fim de mais de duas horas a conduzir o PÚBLICO por um dos locais da cidade onde o consumo de cocaína e heroína fumadas e injectadas a céu aberto regressou em força. Do bairro do Cerco ao Aleixo, passando pela Pasteleira, Viso e Ramalde, cruzam-se consumidores com crianças que passam e adultos que atiram pedras, havendo outros que estugam o passo, assustados. Enquanto isso, as salas de consumo assistido, previstas na lei desde 2001, marcam passo nos

gabinetes das autarquias do Porto e de Lisboa – onde o consumo de rua de heroína e cocaína voltou a disseminar-se nos últimos anos em zonas como Alcântara, Lumiar, Mouraria e Intendente.

Pudesse Rui Coimbra levantar-se da cadeira onde está e conduzir os decisores políticos pelo interior do Aleixo, um dos bairros camarários onde a droga se trafica e consome à vista de quem por lá se atreve a passar, para lhes apresentar Marguerite Hoffman, a fumar base de cocaína, naquela espécie de cachimbo de alumínio improvisado chamado “caneco”. Cabelo ruivo, dentes podres, está sentada num chão de preservativos velhos, embalagens de seringas e de medicamentos vazios e do lixo da construção civil que ali jaz desde as demolições, feitas em 2011, a pretexto de acabar com o tráfico e consumo de droga e onde ainda hoje se consome com a diferença de ser a céu aberto. “Ontem fumei um ‘caneco’ com uns amigos junto ao [bairro] do Cerco. Escondemo-nos nas escadas que lá há. Umas senhoras passaram e chamaram uns rapazes para atirar pedras a nós”, conta, num português contaminado pelo

“

“Toda a toxicodependente que diz que consegue criar os filhos e andar na droga está a mentir. Uma drogada põe sempre a droga em primeiro lugar”

Carolina

alemão de origem. Vive há sete anos em Portugal, consome drogas fumadas e injectáveis desde 1990. Em Hamburgo, onde viveu, fazia-o numa sala de consumo assistido. “Mais higiene. Era muito bom. Ficas na tua mesa, tudo limpo e tudo bom”, recorda. Partilha o “caneco” com Inácio José, 51 anos e consumidor intermitente, encostados ambos ao muro que restou do antigo mercado que também foi café antes de ser abrigo de toxicodependentes.

Ao contrário de Marguerite, que injecta e fuma várias vezes ao dia e que se prostitui para arranjar o dinheiro necessário, José Inácio diz que só o faz de vez em quando. O aspecto limpo, o maço de tabaco inteiro no bolso do pólo verde às riscas e os sapatos sem pó no meio do entulho circundante confirmam a sua tese. “Fumo [base de cocaína] desde 1985. Nunca me injectei e por isso é que estou vivo”, apresenta-se. Trabalha na construção civil e diz que passa semanas “limpo”. “Tenho sempre um substituto em casa. Metadona não, nunca me dei bem com ela. Tenho uns comprimidos que me recitaram e que são uma maravilha. Tomo, vou reduzindo,

e chego a um ponto em que já não preciso.”

Nesta segunda-feira de manhã, veio ao Aleixo “fazer uma festinha”. “Quando venho, chamo a Marguerite, também para a tirar um bocadinho desse mundo [da prostituição de rua].” Nos períodos em que trabalhou fora, nomeadamente na Alemanha, Inácio frequentou salas de consumo. “A primeira vez que vi essas salas foi em 1993, em Hamburgo. Era num contentor aquecido, ‘injectores’ para um lado e fumadores para outro. Havia mesas de metal, um balde ao lado para as pessoas cuspirem e forneciam o material todo menos a droga: seringas, pratos, ‘canecos’.” Ao lado, relata, havia instalações para sem-abrigo. “A polícia é muito rigorosa. Não deixam que se fume na rua nem um charro. Mas são sempre muito educados e encaminham as pessoas. Até o banditismo diminuiu.”

O contraste com o Aleixo é gritante. “Na Alemanha quem maltrate um toxicodependente é punido. Somos considerados doentes. Aqui tratam-nos cem graus abaixo de cão. À Marguerite agredem-na, tiram-lhe a roupa,





FOTOS: PAULO PIMENTA

O consumo de cocaína e heroína fumadas e injectadas a céu aberto recrudesciu nos últimos anos em alguns bairros do Porto

lixívia ou de mijo ou lá o que era. Sem pré-aviso, sem nada. Estou ali a consumir e, zás, fiquei toda encharcada, a 'branca' [heroína] na mão encharcada, 'caneco' encharcado. Se for para ali [e aponta o descampado], é o vento que nos espalha o 'caneco' ou são os colegas – está-se sempre de pé atrás."

Chama-se Isabel Brito, fez 50 anos há dias. Conta que consome "p'rai há 20 anos". São duas décadas de vaivém a arrumar carros pelas imediações do seu "bairro de adopção". Arruma uns carros, vai ao bairro, compra a dose, consome. Volta a arrumar carros. Por estes dias, porque foi operada a uma perna, tem pernoitado na Casa de Vila Nova, um centro de acolhimento de toxicodependentes. "Lá tem enfermaria e tudo", despacha-nos, apressada.

Além de estar a rressacar, move-a necessidade de se preparar para o funeral da irmã. Avança uns passos, depois recua para sacar de umas fotografias que leva num saco de plástico. "Se puderem pôr isto na *net* ou qualquer merda, para mostrar a diferença", sugere. O contraste entre a figura de Isabel, escura, magra, envelhecida e de dentes estragados com a rapariga das fotos, morena, sorridente, de traços exóticos não podia ser maior. "Eras tu?", pergunta Rui. "Era eu na Suíça, antes de ter começado. Tinha uns vinte e tais, fumava uns charritos e mais nada." Pelo corredor, onde param todos os que se vêm abastecer ao bairro, já tinha passado Matilde. Reconhece o fotógrafo por se ter cruzado com ele quando cumpria pena na cadeia de Santa Cruz do Bispo. "Ele fotografou-me em 2007, estava eu já a sair. Estive [presa] quatro anos", situa. Magra, cabelo com a sujidade disfarçada por um rabo-de-cavalo, dentes podres. "Antes de me separar era só 'branca', depois é que me enterrei no pó. Enterrei é um modo de dizer, não estou enterrada, prontos, fumo. Se não tiver Subitex [medicamento utilizado na dependência de opiáceos] fico com arrepios."

Sobre as salas de consumo: "Devia haver, porque alguns tiram as calças para baixo e tudo,

quando não conseguem encontrar uma veia. E há canalha por aqui. Eu, se vir uma criança, nem fumo, porque tenho uma filha de sete anos e também não gostava que ela visse", garante.

E acrescenta: "Eu fumo em casa, mas a minha filha nunca viu: punha-a no quarto a ver bonecos e ia para a casa de banho. Ela agora está com o pai." À medida que Matilde se afasta, Rui Salvador explica que a maioria mente quando diz que não se injecta. "Quando os consumidores dizem que se injectam, as pessoas criam logo mais distância, recuam fisicamente."

Rui fala sem tirar os olhos do vulto de *t-shirt* vermelha que cambaleia há mais de meia hora com uma seringa espetada no braço. "Há sítios onde distribuem naloxona, o que ajuda a evitar algumas *overdoses*", explica, em jeito de lamentação pelo facto de as associações no terreno não disporem disso ou sequer da possibilidade de, juntamente com as seringas, os preservativos, as pratas, as carteiras de ácido cítrico, distribuírem os tais "canecos" para substituir os de alumínio usados pelos toxicodependentes.

Carrinhas com chuveiros

Fora deste território de "não cidade", desde a sua esplanada do centro do Porto, Rui Coimbra sustenta que os estudos científicos sobre a eficácia das salas "estão todos feitos". E "em nenhuma se verificou um aumento do consumo ou da conflitualidade social". É olhar para os relatórios do Observatório Europeu da Droga e da Toxicod dependência, cujos responsáveis explicaram ao PÚBLICO por correio electrónico: "A evidência científica não suporta as principais preocupações levantadas sobre este tipo de salas e aponta impactos positivos em termos de aumento do acesso dos consumidores aos cuidados de saúde e assistência social e de redução do consumo de drogas no espaço público e da conflitualidade que lhe está associada." "Criar uma sala não é chegar a um sítio e construir um edifício", ou seja, exige "soluções [que] têm de ser adaptadas à realidade de cada cidade, em diálogo com

deixam-na abandonada." E, olhando em volta, Inácio prossegue no mesmo tom, indignado. "Não sei porque destruíram este edifício, se não era para construir nada a seguir. Ao menos as pessoas escondiam-se para consumir. Tinham quatro paredes. É que por aí andam crianças." E costuma ver caras novas? "Não falta chavalada nova. E a uma velocidade... Será o desemprego, a falta de trabalho", admite. E acrescenta: "Introduzem-se uns aos outros. Mesmo com a informação que há hoje."

"Um balde de lixívia"

Quem desça pela Calçada da Mocidade Portuguesa, espécie de esplanada para o bairro e para o descampado onde antes havia uma escola, ao lado do tal mercado e dos tanques públicos, tem uma visão panorâmica das tendas montadas pelos toxicod dependentes ao longo da encosta. Entre elas, sobressai uma bandeira portuguesa, vários papelões para abrigar do frio nocturno e muitos vultos que se movem ao som dos "capeadores" – espécie de sinaleiros que se posicionam junto a uma boca de tráfico de droga para intermediar



a ligação entre quem consome e quem trafica. Rui Salvador, um ex-toxicod dependente que agora colabora com a CASO, conduz o PÚBLICO pelos caminhos de onde a cidade foge no Aleixo, até junto da Torre Um – a mais directamente conotada com o tráfico. "Hoje compra-se uma dose de heroína a dois euros e meio. E uma de cocaína por cinco euros. Está muito barato. Alguém conseguiu meter muita droga aqui", explica. Reconhece pelo nome a maior parte dos que, espalhados pelo descampado, vão consumindo a

sua dose. Mas também detecta a presença de muitas caras novas.

Agora, vinda da Torre Um, passa uma mulher vestida de luto, apoiada numa bengala e a suar em bica. "Vou 'dar um caneco'. Tem que ser agora?", impacienta-se, quando Rui lhe trava o passo a explicar ao que vimos. "Apesar de que eu gosto de consumir sozinha, acho bem, porque ando sempre com medo", diz sobre a hipótese de as salas de consumo poderem sair do papel. "Já me aconteceu [estar a consumir] e levar com um balde de água, ou de



DESTAQUE

SALAS DE CHUTO

os moradores”. Rui Coimbra gostava de ver a urgência atendida com uma unidade móvel que percorresse os locais de consumo mais problemáticos. “Imagino uma carrinha com chuveiros e possibilidade de troca de roupa. Uma carrinha com técnicos de proximidade, serviço social, psicólogos, um enfermeiro, que pudessem chegar lá e fazer a ponte.” É que “uma carrinha pode estar a 50 metros, mas um utilizador que tenha os pés todos estragados porque injecta e já não tem veias não faz esse percurso”.

Pudesse então Rui Coimbra conduzir os decisores políticos até à beira desta estrada, nas imediações do Bairro do Cerco, onde está estacionada Florina, à espera de

quem lhe requisite o corpo. Cabelo sujo e preso num rabo-de-cavalo, faces chupadas, tez amarelada – o costume. Tem vestida uma camisola com a Torre Eiffel sobre a inscrição *Je ne regrette rien*. Parece ironia de propósito. “Estive três anos sem consumir, deixei em 2010, mas depois voltei-me a meter, em 2014. Porquê? Devido aos ambientes, às companhias...”

Manteve-se “limpa” num período de curta emigração para a Arábia Saudita. Recaiu quando se separou do pai das suas filhas, uma de nove anos e outra de dois, ambas entregues aos avós. “Esvaziei-me outra vez nisto. Isto não é desculpa, mas pronto. Foi o que foi.”

Vem de Valongo para consumir.



Estive três anos sem consumir, deixei em 2010, mas depois voltei-me a meter, em 2014. Porquê? Devido aos ambientes, às companhias...

Florina

Põe-se na beira da estrada, entra num carro, faz sexo, recolhe o dinheiro, vai ao Cerco comprar uma dose, consome-a na tal casa em ruínas. “Se tiver 50 [euros] vai 50, se tiver 100 vai 100. Mas à noite ninguém vai para a casa velha. É muito escuro. Junta-se tudo ali nas escadas.” E aponta as tais escadas onde Marguerite diz ter sido apedrejada há dias.

Quando consegue, Florina vai dormir a casa dos pais para ver as filhas. A maior parte das noites dorme no bairro, numa cama alugada a quatro euros e meio a noite. E se tivesse uma sala onde pudesse consumir abrigada? “Seria muito melhor. Ao menos ninguém me via.”

Caminha-se em direcção à ruína

de uma casa de pedra, espécie de sala de consumo não assistido, onde está Carolina. Lá dentro (é uma forma de dizer porque a casa já quase não tem tecto), alguns afastam-se perante a invasão. Carolina não. Olhos azuis. Seriam bonitos, se não estivessem vazios de qualquer expressão. Parece saber que o seu aspecto pode ajudar a dissuadir novos consumidores. Daí deixar-se fotografar com um “caneco” entre os dedos, cheios de feridas calejadas de tão antigas. “Quando me dizem: ‘Eu ando há seis meses nisto’, digo-lhe logo ‘Como?! Tu deves ser mas é burro.’ Isto pode ser bom, mas não dá. Como é que hei-de dizer? Não compensa. Toda a gente vê o que isto faz. Por muito bom que seja,



“ Na Alemanha quem maltrate um toxicodependente é punido. Somos considerados doentes. Aqui tratam-nos com graus abaixo de cão

José

leva à miséria, à desgraça.”

Com 48 anos a parecerem muitos mais, Carolina começou a consumir aos 14. Tem várias desintoxicações na sua biografia. Recaiu sempre. “Prostituir, roubar, fiz tudo. Quem diz que não faz mente. Faz e acontece. Eu entro em pânico. Só de saber que não tenho dinheiro para a droga fico com falta de ar. Não tenho forças para andar, não tenho nada”, diz, a meio da conversa. Valeu-lhe muitas vezes a mãe, que chegou a ir comprar-lhe algumas doses e que lhe criou os filhos. “Toda a toxicodependente que diz que consegue criar os filhos e andar na droga está a mentir. Uma drogada põe sempre a droga em primeiro lugar. Eu, graças a Deus, tenho uns filhos que nem os



meço. Não têm vícios nenhuns. Mas não é graças a mim.” Carolina mora no Lagarteiro, à custa da reforma da mãe, que está acamada. O seu corpo já não dará para a prostituição. Garante que se tivesse uma sala onde consumir noutras condições não hesitava. “Estava-se mais à vontade, em todos os aspectos.”

O homem que ao lado prepara o “chuto”, mas que se recusara falar com os jornalistas atira-se à conversa: “Se fosse para deixar de andar aqui no meio do lixo, era bom. Muitos fazem as necessidades no mesmo sítio onde consomem. E às vezes onde comem. É uma badalhoquite.”

É mas é, na cabeça de Rui Coimbra, uma “terceiro-mundice”.

Ei-lo, retomando o jorro da sua indignação: “Vamos todos pagar muito mais. Portanto, nem que seja por este argumento mais economicista – e já nem falo do respeito pelos direitos humanos –, deixar passar mais um dia acarreta mais despesas. E depois, se não se ignoram outras situações de doença, se a lei diz desde 2001 que o consumo de substâncias deixou de ser crime para passar a ser doença, porque é que havemos de ignorar o consumo de substâncias?!”, questiona. E concluiu: “Está mais do que na altura de deixarmos para trás a demonização das substâncias e de quem as usa.”

nfaria@publico.pt



DESTAQUE

SALAS DE CHUTO

Europa tem 90 salas de consumo assistido e relatou ter havido apenas uma morte

Natália Faria

Nos últimos 30 anos, houve uma só morte numa sala de consumo. Muitas outras foram evitadas, alegam os seus defensores

As primeiras salas de consumo assistido na Europa já contam com 30 anos de existência. Até agora apenas uma morte foi referida nestes espaços onde as drogas são consumidas sob supervisão, visando reduzir os riscos de transmissão de doenças entre os toxicodependentes e a mortalidade por *overdose*. “Em Dezembro de 2002 uma pessoa que usava drogas morreu de anafilaxia (reação alérgica severa) numa sala de consumo alemã”, especifica o relatório *Salas de Consumo Assistido na Europa: Modelos, boas práticas e desafios*, da Rede Europeia de Redução de Riscos (EuroHRN).

Desde então, vários países aderiram a este modelo de redução de danos. Numa Europa onde se calcula terem ocorrido em 2014 pelo menos 6800 mortes por *overdose*, segundo o relatório mais recente do Observatório Europeu da Droga e da Toxicod dependência, contam-se nove países com salas de consumo assistido, num total de 90 salas. As mais recentes foram criadas em França, em Paris e Estrasburgo, no final do ano passado, ambas nas imediações de um hospital. A Holanda dispõe de 30 salas de consumo, a Alemanha tem 24, a Suíça tem 13 e a Espanha também. Segue-se a Dinamarca, com cinco salas, a Noruega, a Grécia e o Luxemburgo, com uma sala cada – neste último caso, está prevista a abertura de uma nova sala no decorso deste ano.

A primeira sala oficialmente criada numa lógica de redução dos comportamentos que aumentam o risco de transmissão de doenças e das

mortes por *overdose* surgiu em 1986 em Berna, na Suíça, a reboque das preocupações em torno da propagação do VIH/sida ligada ao consumo epidémico de heroína e de droga injectada. “Na altura, tornou-se evidente que uma política baseada exclusivamente na abstinência, que incluía os tratamentos de desabilitação em unidades de internamento, era ineficaz”, recorda a EuroHRN, fundada em 2010 por várias organizações europeias que defendem políticas de redução de riscos.

Despistagem de doenças

Segundo o relatório, coexistem actualmente diferentes modelos de salas de consumo: do modelo integrado ao especializado, passando pelas unidades móveis. No primeiro, as salas

6800

peças morreram por *overdose* na Europa, em 2014, segundo dados do Observatório Europeu da Droga e da Toxicod dependência

funcionam em edifícios dotados de uma rede de serviços, que incluem aconselhamento e despistagem de doenças, tratamento de feridas, troca de seringas e aconselhamento social e psicológico. Um exemplo destas salas é o existente na cidade de Bona, na Alemanha, onde, no rés-do-chão, os utentes podem tomar o

pequeno-almoço, banho e lavar as suas roupas; no primeiro andar, funciona um serviço de aconselhamento para utentes em tratamento de substituição; no segundo andar, uma clínica para cuidados gerais; no terceiro, uma clínica de curto internamento para utentes em desintoxicação; e, por último, nas traseiras, estão as salas de consumo com espaços diferenciados para drogas injectáveis e fumadas. A desvantagem deste modelo é que os utentes em tratamentos de desabilitação poderão ver os seus esforços deitados por terra por causa da proximidade dos locais do consumo, já que, como escrevem os autores, “ouvem, cheiram e estão cientes de que as drogas estão a ser usadas nos andares abaixo, o que aumenta o risco de recaída”.

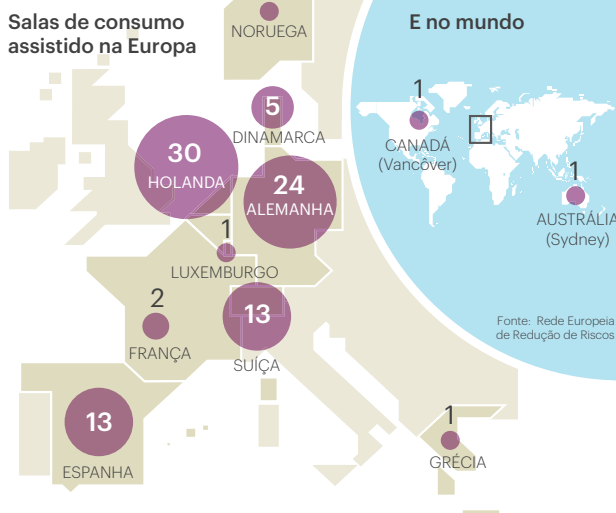
No modelo especializado, existem apenas as salas de consumo, geralmente nas proximidades dos locais de venda e consumo a céu aberto. Por último, as unidades móveis, que existem em cidades como Barcelona, Berlim e Copenhaga, consistem em carrinhas adaptadas e equipadas com três cabinas de injeção que percorrem os principais locais de tráfico.

Quanto ao acesso, as regras variam. Na Alemanha excluem-se todos aqueles que estejam em tratamentos com opiáceos de substituição, “o que deixa de fora cerca de 70.000 clientes”. Algumas das salas admitem utentes a partir dos 16 anos, desde que apresentem consentimento por escrito dos pais, mas a maior parte impõe os 18 como idade mínima. Em todas elas, os consumidores ocasionais ou que estejam a usar drogas pela primeira vez são impedidos de entrar, bem como os que se apresentem intoxicados ou embriagados. Todas dispõem de pessoal preparado para intervir em casos de *overdose*. Em Barcelona, aliás, os utilizadores são convidados a aprender manobras para ajudar pessoas em situação de *overdose*, recebendo para tal um *kit* com naloxona pronta a injectar.

Câmaras não vão tomar a iniciativa

As salas de consumo assistido parecem, finalmente, prestes a sair do papel, embora nem a Câmara de Lisboa nem a do Porto pareçam querer assumir a dianteira na iniciativa. “Estamos a tentar estudar com mais detalhe as condições de cada um dos locais, atendendo às flutuações dos consumos”, admite o vereador dos Direitos Sociais da Câmara de Lisboa, João Afonso. O mesmo acrescenta que “não será a câmara a disponibilizar o serviço, mas as organizações que trabalham no terreno e que terão de ter a aprovação do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD) e a concordância e o apoio financeiro e logístico da câmara”. “Face ao actual recrudescimento dos consumos fumados e por via venosa, estas salas justificam-se. Há condições para o fazer, mas ainda sem calendário”, disse. Lembrou ainda que, como a lei define que não é possível criar salas de consumo assistido em tecido urbano consolidado, para zonas como a Mouraria e o Intendente a solução poderá ser recorrer às unidades de consumo móveis.

O presidente do SICAD, João Gollão, já declarou nada ter a opor. “Com o recrudescimento destas substâncias, penso que faz sentido voltar a equacionar a sua criação”, declarou, com base no relatório de 2015 em matéria de álcool, drogas e toxicod dependência que apontava a crise e o desemprego como factores explicativos para as recaídas de antigos heroínómanos. A questão é que, segundo a lei, a iniciativa da criação destas salas é “das câmaras municipais ou das entidades partilhadas cujas finalidades estatutárias incluem a luta contra a toxicod dependência”. No Porto, a autarquia contratou ao Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto um estudo para aferir da necessidade destas salas e onde que ainda não foi concluído. **Natália Faria**



Edição Lisboa • Ano XXVIII • n.º 9894 • 1,70€ • Domingo, 21 de Maio de 2017 • Director: David Dinis Adjuntos: Diogo Queiroz de Andrade, Tiago Luz Pedro, Vítor Costa Directora de Arte: Sónia Matos



Público

Salas de chuto
Lisboa e Porto admitem-nas, mas não tomam iniciativa

Destaque, 2 a 5

Medicamentos inovadores fazem disparar despesa dos hospitais

Portugueses gastam o mesmo nas farmácias • Nos hospitais a despesa cresce após grande número de fármacos inovadores aprovados • Doentes já pouparam dois milhões com genéricos em 2017 **Sociedade, 10/11**



ENRICO VALEZ/REUTERS

Queixas contra serviços através de telemóvel no Parlamento

Petição pede lei específica para serviços que ninguém sabe como contratou **p14/15**

Passos Coelho põe em causa integração de precários

Líder do PSD desafia António Costa a discutir reformas para o país **p8**

Primárias do PSOE sob o temor de "cair na irrelevância"

Ascensão do Podemos é ameaça. Há poucas ideias. Falta um projecto **p16/17**

Um festival para conhecer jardins privados em Lisboa

São espaços cuidados mas desconhecidos e, às vezes, fechados a quem passa **p12/13**

P2 Como pouparam e gastaram as últimas três gerações de portugueses